

Alberto Federmann, um pioneiro esquecido

Albert Federmann, a forgotten pioneer

Adilson Mendes¹

1. Graduado em história pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000). Mestrado (2007) e doutorado (2012), ambos em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Pesquisador associado da Cinemateca Brasileira ao longo da década de 2000, participou de atividades de difusão cultural da instituição. Pesquisador do Instituto Butantan de 2015 a 2017, atualmente é pesquisador voluntário do Lab. de História da Ciência do Butantan.

Resumo

A trajetória de Alberto Federmann e suas incursões pelo cinema científico contribuem para desvelar um campo entre a arte e a ciência ainda pouco investigado. Autor de filmes hoje esquecidos, Federmann documentou a formação da pesquisa científica no Brasil, além de ter registrado a cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX.

Filme científico e vanguarda

A história do cinema científico – que contempla diferentes categorias, cada uma com procedimentos cinematográficos específicos: filme de pesquisa, filme de ensino, filme de divulgação – ainda está para ser revelada em sua diversidade e interesse. No Brasil, o cinema científico acompanha a produção das recém-inauguradas instituições de pesquisa científica (Instituto Soroterápico Federal, 1900, Instituto Butantan, 1901, Instituto Biológico), que, no começo do século XX, buscavam ampliar sua legitimidade, orientando a população e esclarecendo sobre doenças e profilaxias. Um exemplo entre muitos é *Chagas em Lassance*, título atribuído a um filme realizado em

2.
O material remanescente do filme possui 9 minutos e foi recentemente encontrado (2010), carecendo ainda de análise histórica. Há um documentário que festeja a descoberta do filme, *Cinematógrafo Brasileiro em Dresden* (2011), de Eduardo Thielen e Stella Oswaldo Cruz Penido.

3.
Cf. Hagener M. *Moving Forward, Looking Back. The European Avant-Garde and the Invention of Film Culture, 1919-1939*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2007.

1910, provavelmente uma encomenda do cientista Carlos Chagas à companhia produtora Gaumont.²

Nos principais centros europeus, o cinema de caráter científico teve acolhida imediata nos meios artísticos, que se serviam de extratos de filmes científicos para compor as exibições de cunho vanguardista – nas salas parisienses o Vieux-Colombier, o Studio des Ursulines, o Studio 28, o Studio Diamant, o Ciné-Latin, o Oeil de Paris, assim como na holandesa Filmliga, na inglesa London Film Society e na alemã Volkfilmverband (VfV) –, mas também reutilizavam os filmes científicos em suas obras de ficção e poesia (o exemplo maior talvez seja *Nosferatu*, 1922, em que o diretor Murnau insere cenas do filme *A alma das plantas*, uma produção da UFA).³

No Brasil, a ausência de um cinema de vanguarda, capaz de redimensionar o filme científico local ao inseri-lo em novos contextos, relegou essa produção ao esquecimento e/ou às estantes dos arquivos de filme, o que significa quase a mesma coisa. As produções das instituições científicas e dos poderes públicos brasileiros, salvo raras exceções, como veremos, não repercutiram após sua breve carreira pelas salas de aula, fazendo com que seus profissionais permanecessem quase esquecidos. Esses profissionais praticamente foram expulsos da história da ciência no Brasil. Exemplos como o de João Stamato (membro de expedições científicas realizadas pelo Instituto Oswaldo Cruz entre 1911 e 1913), Lafayette Cunha (notável realizador de inúmeros filmes científicos ao longo das décadas de 1930 e 1940), Pedro Lima (funcionário do Ministério da Agricultura, responsável pelo Serviço de Informação Agrícola), evidenciam o quanto tiveram suas trajetórias profissionais reduzidas a apenas uma faceta. Mais do que demonstra a historiografia de cunho tradicional, esses profissionais (apenas para mencionar alguns personagens fundamentais dessa história que tem em Alberto Federmann um dos mais notáveis colaboradores) realizaram documentos fundamentais para a história da ciência, produzindo e realizando filmes científicos para subsidiar pesquisas e esclarecer a população.

4.

A parte remanescente do filme foi restaurada pela Cinemateca Brasileira, que apenas realizou pesquisa histórica sumária, ignorando por completo os detalhes da produção. Cf. Resgate do Cinema Silencioso Brasileiro (5 dvds). Também é preciso mencionar o trabalho da pesquisadora Hilda Machado sobre o filme, que não foi incluído na publicação da Cinemateca e nunca publicado em razão da morte prematura da autora.

5.

Cf. Silva AFC da. A campanha contra a broca-do-café em São Paulo (1924-1927). In: *História, Ciências, Saúde – Manquinhos*, Rio de Janeiro, v. 13, n.4, p. 957-993, out-dez, 2006.



A obra pioneira de Alberto Federmann

Alberto Federmann tem toda sua trajetória ligada ao Instituto Biológico de Higiene Agrícola e Animal do Estado de São Paulo, onde trabalhou de 1924 até 1958, ano de sua morte. Federmann nasceu na Itália, em Lerma. Estudou belas artes em Paris, Milão e Florença, fixando residência no Brasil em 1914. Interessado em fotografia, iniciou estudos na Faculdade de Medicina de São Paulo. Suas qualidades técnicas chamaram atenção e, em 1924, quando o sanitarista Arthur Neiva esteve à frente da Comissão de Estudos e Debelação da Praga Cafeeira, convidou Federmann para registrar as etapas de uma das maiores campanhas sanitárias já vista. A ameaça às principais commodities do país resultou numa campanha de divulgação científica, que tinha inúmeros materiais para alertar o camponês sobre os perigos do *Hypothenemus hampei*, a broca do café. A contribuição de Federmann foi decisiva para o êxito da campanha, cujo sucesso resultou na formação do que viria a ser o Instituto Biológico. Federmann foi o principal responsável pela produção do filme *A broca do café*, cujos fragmentos remanescentes confirmam a qualidade técnica e o conhecimento das diferentes categorias do filme científico. Filme de divulgação e pesquisa, *A broca do café* tinha originalmente 4

Imagem 1.
Alberto Federman. Praça da Sé e
rua XV de novembro. São Paulo,
1930.

Imagem 2.
Alberto Federman. São Paulo
City. S.d.



partes e utilizava recursos de microfotografia inéditos no país.⁴

O historiador André Felipe Cândido da Silva, o maior estudioso da campanha, informa o êxito da campanha e o papel decisivo do filme, que foi visto por mais de 100 mil pessoas, certamente um marco para a pobre cinematografia nacional.⁵ Após descrever minuciosamente a praga cafeeira, o filme se fecha com a imagem da cidade pujante, cujo desenvolvimento não pode ser interrompido. Esse tipo de apologia do progresso, comum na história de São Paulo ao longo do século, parece ter sido uma bandeira da ciência – lembremos que é Arthur Neiva o autor da famosa imagem da potente locomotiva com seus vagões vazios.

O caso do filme sobre a broca do café ainda permite o comentário a respeito do impacto da ciência em outros campos da vida social, no caso o da cultura estabelecida na cidade de São Paulo. É preciso lembrar que o filme foi produzido pela Independencia-Omnia Film, a companhia produtora dirigida pela família Del Picchia, Menotti, José e Victor. O primeiro é um velho conhecido de Arthur Neiva que, homem de grande cultura, também investiu na trincheira literária, polemizando com os modernistas. A proximidade com o poder também unia os dois homens de ação, afinados nos campos nacionalistas da extrema-direita política.

Imagem 3.
Alberto Federman. Instituto
Biológico. c. 1930.



Graças ao aparato estatal coercitivo, que impunha regras aos fazendeiros e colonos, e graças ao material de difusão, sempre em linguagem clara e distinta, a campanha repercutiu imensamente na imprensa e se transformou em mais uma vitória da ciência contra o subdesenvolvimento. O trabalho de Federmann contribui para o êxito da ciência e marcou definitivamente o profissional, que parece ter internalizado o discurso do filme, reproduzindo-o em suas fotografias da instituição científica que se ligara e, sobretudo, nas fotografias da cidade de São Paulo, cujos principais monumentos foram registrados por sua lente ao longo da década de 1930. O aspecto de monumentalização do progresso paulista surge nas imagens das instituições científicas (Instituto Oswaldo Cruz, Instituto Biológico) e nos edifícios do centro da cidade (Anhangabaú, estádio do Pacaembu, rua XV de novembro).

O êxito do filme e a excelência de sua qualidade técnica permitiram a Federmann continuar seus experimentos cinematográficos, inventando instrumentos ópticos, realizando ajustes nas câmeras conforme as necessidades dos enfoques científicos de cada filme: *Alimentação do caranguejo* (1924); *Erva do Mato* (1939); *Gafanhotos* (1940); *Triconemas* (1941); *Doença e criação de aves* (1943); *Temnocefala* (1945); *Habromena* (1947); *Fisiologia* (1948); *Peste Suína* (1951). Seu trabalho como fotógrafo científico

também foi fundamental para as pesquisas desenvolvidas no Instituto Biológico, cujo acervo é constituído por milhares de fotografia de Federmann.

No final da década de 1940, quando Benedito Junqueira Duarte, o mais célebre realizador de filmes científicos no Brasil, esboçou uma história sobre esse gênero cinematográfico, ele destacou com certa amargura:

“Até então [1949], pouco, quase nada, se havia realizado no Brasil, no campo do cinema científico, pelo menos de modo sistemático, com orientação e constâncias certas (...). Houve, entretanto, um pioneiro: Alberto Federmann, antigo técnico do Instituto Biológico, para ali levado pela mão de Arthur Neiva, em 1924. Federmann morreria em 1958, após muitos anos de atividade fecunda, sem entretanto, ter realizado grande parte do que era capaz.”

Recebido em: 21/04/2017

Aprovado em: 24/07/2017